

Texto e exposição

I. Prólogo: a origem e o nascimento de Jesus, o Cristo (1.1-2.23)

A. A genealogia de Jesus (1.1-17)

Registro da genealogia de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão:

2 Abraão gerou Isaque;

Isaque gerou Jacó;

Jacó gerou Judá e seus irmãos;

3 Judá gerou Perez e Zerá, cuja mãe foi Tamar;

Perez gerou Esrom;

Esrom gerou Arão;

4 Arão gerou Aminadabe;

Aminadabe gerou Naassom;

Naassom gerou Salmom;

5 Salmom gerou Boaz, cuja mãe foi Raabe;

Boaz gerou Obede, cuja mãe foi Rute;

Obede gerou Jessé;

6 e Jessé gerou o rei Davi.

Davi gerou Salomão, cuja mãe tinha sido mulher de Urias;

7 Salomão gerou Roboão;

Roboão gerou Abias;

Abias gerou Asa;

8 Asa gerou Josafá;

Josafá gerou Jorão;

Jorão gerou Uzias;

9 Uzias gerou Jotão;

Jotão gerou Acaz;

Acaz gerou Ezequias;

10 Ezequias gerou Manassés;

Manassés gerou Amom;

Amom gerou Josias;

11 e Josias gerou Jeconias e seus irmãos, no tempo do exílio na Babilônia.

12 Depois do exílio na Babilônia:

Jeconias gerou Salatiel;

Salatiel gerou Zorobabel;

13 Zorobabel gerou Abiúde;

Abiúde gerou Eliaquim;

Eliaquim gerou Azor;

14 Azor gerou Sadoque;

Sadoque gerou Aquim;

Aquim gerou Eliúde;

15 Eliúde gerou Eleazar;

Eleazar gerou Matã;

Matã gerou Jacó;

16 e Jacó gerou José, marido de Maria, da qual nasceu Jesus, que é chamado Cristo.

17 Assim, ao todo houve catorze gerações de Abraão a Davi, catorze de Davi até o exílio na Babilônia, e catorze do exílio até o Cristo.

Em cada evangelho, o ministério terreno de Jesus é precedido por um relato do ministério de João Batista. Essa similaridade formal não se estende às introduções dos evangelhos. Marcos (1.1) inicia com uma simples declaração. Lucas começa com um prefácio na primeira pessoa em que explica seu propósito e seu método, seguido de um relato detalhado e, com frequência, poético do nascimento milagroso de João e de Jesus (1.5—2.20) e uma breve menção à viagem de Jesus, ainda menino, ao templo (2.21-52). Lucas reserva a genealogia de Jesus para o capítulo 3. O prólogo de João (1.1-18) traça o princípio de Jesus à eternidade e apresenta a encarnação sem se referir à concepção nem ao nascimento dele. Em cada evangelho, a introdução antecipa os temas e as ênfases principais. Em Mateus, o prólogo (1.1—2.23) apresenta temas como o Filho de Davi, o cumprimento de profecia, a origem sobrenatural de Jesus, o Messias, e a proteção soberana do Filho pelo Pai a fim de o levar a Nazaré e realizar o plano divino de salvação do pecado (cf. esp. Stonehouse, *Witness of Matthew [Testemunho de Mateus]*, p. 123-28).

1 As duas primeiras palavras de Mateus, *biblos geneaseôs*, podem ser traduzidas por “registro da genealogia” (NVI), “livro da origem” (BJ) ou “livro da genealogia” (ARA). A NVI limita o título à genealogia (1.1-17), a segunda pode servir como título do prólogo (1.1—2.23) e a terceira como título de todo o evangelho. Há apenas duas ocorrências da expressão na LXX: em Gênesis 2.4, com referência ao relato da criação (Gn 2.4-25), e em Gênesis 5.1, para introduzir a genealogia. Do último, parece possível seguir a NVI (como também Hendriksen; Logmeyer, *Matthäus [Mateus]*; McNeile), contudo, como a palavra *Genesis* (NVI, “nascimento”) reaparece em 1.18 (uma das únicas quatro ocorrências no Novo Testamento), parece provável que o título em 1.1 se estenda além da genealogia. Não veio à luz nenhuma ocorrência da expressão como título para um documento da extensão de um livro. Portanto, devemos dar um desconto para a percepção cada vez mais popular (Davies, *Setting [Cenário]*; Gaechter, *Matthäus [Mateus]*; Hill, *Matthew [Mateus]*; Maier; Zahn) de que Mateus pretende se referir a todo seu evangelho com o título “Registro da genealogia de Jesus Cristo”. Antes, Mateus pretende que seus dois primeiros capítulos sejam um registro coerente e unificado “da origem de Jesus Cristo” (BJ).

A designação “Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão” transmite nuances bíblicas. (Para comentários em relação a “Jesus”, veja 1.21.) “Cristo” é, aproximadamente, o equivalente grego de “Messias” ou o “Ungido”. No Antigo Testamento, o termo poderia se referir a várias pessoas “ungidas” para alguma função especial: sacerdotes (Lv 4.3; 6.22), reis (1Sm 16.13; 24.10; 2Sm 19.21; Lm 4.20) e, metaforicamente, os patriarcas (Sl 105.15), além do rei pagão Ciro (Is 45.1). Já na oração de Ana, “Messias” faz paralelo com “rei”: “Ele dará poder a seu rei e exaltará a força do seu ungido” (1Sm 2.10). Com o aumento de profecias do Antigo Testamento referentes à linhagem do rei Davi (e.g., 2Sm 7.12-16; cf. Sl 2.2; 105.15), “Messias” ou “Cristo” tornou-se a designação de uma figura representando o povo de Deus e trazendo o prometido reino escatológico.

Na Palestina da época de Jesus, abundavam as expectativas messiânicas. Nem todas elas eram coerentes, e muitos judeus esperavam por dois “Messias” distintos.

Mas a ligação que Mateus faz de “filho de Davi” com “Cristo” não deixa dúvida em relação ao que está afirmando sobre Jesus.

Nos evangelhos, a ocorrência do título “Cristo” é relativamente rara (quando comparados com as epístolas de Paulo). Mais importante, o nome aparece quase sempre como título, equivalente estritamente a “o Messias” (veja esp. 16.16). Mas era natural, depois da ressurreição, os cristãos usarem “Cristo” como nome não menos que como título; eles falavam cada vez mais de “Jesus Cristo”, ou “Cristo Jesus”, ou apenas “Cristo”. Paulo normalmente trata “Cristo”, pelo menos em parte, como nome; mas é duvidoso que a força de título tenha desaparecido totalmente (cf. N. T. Wright, “The Messiah and the People of God: A Study in Pauline Theology with Particular Reference to the Argument of the Epistle to the Romanos” [“O Messias e o povo de Deus: um estudo da teologia paulina com especial referência ao argumento da epístola aos Romanos”] [dissert. Ph.D., Oxford University, 1980] p. 19). Das aproximadamente dezoito ocorrências do termo em Mateus, todas são exclusivamente titulares, exceto essa (1.1), é provável em 1.16, com certeza em 1.18 e possivelmente na variante de 16.21. Os três usos de “Cristo” no prólogo refletem a posição confessional da qual Mateus escreve; ele é um cristão comprometido acostumado desde sempre com a forma comum de usar a palavra como título e como nome. Ao mesmo tempo, isso é um sinal da preocupação de Mateus, por exatidão histórica, de que Jesus não é designado assim por seus contemporâneos.

“Filho de Davi” é uma designação importante no evangelho de Mateus. Não só Davi representa uma virada na genealogia (1.6,17), mas o título ocorre em todo o evangelho (9.27; 12.23; 15.22; 20.30,31; 21.9,15; 22.42,45). Deus firmara aliança de amor com Davi (Sl 89.29) e prometera que um descendente imediato dele estabeleceria o reino — e mais, que o reino e o trono de Davi durariam para sempre (2Sm 7.12-16). Isaías previu que seria concedido um “filho”, um filho com os títulos mais extravagantes: Maravilhoso Conselheiro, Deus Poderoso, Pai Eterno, Príncipe da Paz: “Ele estenderá o seu domínio, e haverá paz sem fim sobre o *trono de Davi* e sobre o seu reino, estabelecido e mantido com justiça e retidão, desde agora e para sempre. O zelo do Senhor dos Exércitos fará isso” (Is 9.6,7; grifo do autor).

Na época de Jesus, pelo menos, alguns ramos do judaísmo popular entendiam que “filho de Davi” era messiânico (cf. Sl Sal 17.21; para um resumo da complexa evidência interbíblica, cf. Berger, “Die königlichen Messiasraditionen” [“Da realza das tradições messiânicas”], esp. p. 3-9). O tema era importante no cristianismo primitivo (cf. Lc 1.32,69; Jo 7.42; At 13.23; Rm 1.3; Ap 22.16). As promessas de Deus, embora longamente adiadas, não foram esquecidas; Jesus e seu ministério eram percebidos como cumprimento de Deus das promessas da aliança, agora, com séculos de idade. Da árvore de Davi, arrancada até que restasse apenas parte do tronco, brotava um ramo, um renovo (Is 11.1).

Jesus também é “filho de Abraão”. Não poderia ser de outra maneira uma vez que ele é filho de Davi. Contudo, Abraão é mencionado por diversos motivos importantes. “Filho de Abraão” podia ser um título messiânico reconhecido em alguns ramos do judaísmo (cf. T Levi 8.15). A aliança com o povo judeu foi feita

primeiro com Abraão (Gn 12.1-3; 17.7; 22.18), conexão que Paulo entende como básica para o cristianismo (Gl 3.16). Mais importante, Gênesis 22.18 prometia que “todas as nações” (*panta ta ethnê*, LXX) seriam abençoadas por intermédio da descendência de Abraão; assim, Mateus, com essa alusão a Abraão, prepara seus leitores para as palavras finais sobre essa descendência de Abraão — a comissão para fazer discípulos de “todas as nações” (28.19; *panta ta ethnê*). Jesus, o Messias, veio em cumprimento das promessas do reino, feitas a Davi, e da promessa de bênçãos para os gentios, feita a Abraão (cf. também Mt 3.9; 8.11).

2-17- O estudo mostra que as genealogias do Oriente Médio da Antiguidade podiam servir amplamente para diversas funções: econômica, tribal, política, doméstica (para mostrar relações familiares ou geográficas) e outras (veja Johnson; também Robert R. Wilson, *Genealogy and History in the Biblical World* [*Genealogia e história no mundo bíblico*] [New Haven: Yale University Press, 1977]; R. E. Brown, *Birth of Messiah* [*Nascimento do Messias*], p. 64-66). O perigo nesse tipo de estudo é exceder a intenção de Mateus por meio de históricos vívidos de relevância duvidosa para o texto mesmo. Johnson entende a genealogia de Mateus como uma resposta à difamação judaica. H. V. Wickings (“The Nativity Stories and Docetism” [“As histórias do nascimento e o docetismo”], NTS 23 [1977], p. 457-60) entende-a como resposta ao docetismo do final do século I que negava a humanidade essencial de Jesus. Pode-se questionar se o nascimento virginal teria sido a melhor maneira de pretender corrigir os docetistas.

D. E. Nineham (“The Genealogy in St. Matthew’s Gospel and Its Significance for the Study of the Gospels” [“A genealogia no evangelho de São Mateus e sua relevância para o estudo dos evangelhos”], BJRL, 58 [1976], p. 421-44) encontra nessa genealogia a garantia de que Deus está no controle soberano. Contudo, não fica claro como ele concilia essa garantia com sua convicção de que a genealogia é de pouco valor histórico. Se Mateus destacou-a e elaborou-a muito, então podemos admirar sua fé de que Deus estava no controle. Mas desde que a base de Mateus (de acordo com Nineham) é falha, essa declaração fornece pouco incentivo para que o leitor compartilhe a mesma fé.

Na verdade, os principais objetivos de Mateus ao incluir a genealogia são indicados no primeiro versículo — *viz.*, mostra que Jesus Messias é verdadeiramente da linha real de Davi, herdeiro das promessas messiânicas, aquele que traz bênção divina sobre todas as nações. Por isso, de um lado, a genealogia foca o rei Davi (1.6), contudo, de outro lado, inclui mulheres gentias (veja abaixo). Muitas entradas poderiam tocar o coração e estimular a memória de leitores instruídos bíblicamente, embora a principal força propulsora da genealogia junte promessa e cumprimento. “Cristo e a nova aliança estão seguramente ligados à era da antiga aliança. Marciano, que queria separar todas as ligações unindo o cristianismo com o Antigo Testamento, sabia o que fazia quando cortou a genealogia de sua edição de Lucas” (F. F. Bruce, NBD, p. 459).

Para muitos, o valor histórico da genealogia de Mateus, independentemente de quais fossem os objetivos dela, é nulo. R. E. Brown (*Birth of Messiah* [*Nascimento do Messias*], p. 505-12) luta contra a corrente quando, cautelosamente, afirma que

Jesus descendia da casa de Davi. Muitas genealogias antigas não são levadas em conta por se considerar que tenham pouco valor histórico porque, evidentemente, pretendem transmitir mais que informação histórica (cf. esp. Wilson, *Genealogy and History* [*Genealogia e história*]). No entanto, fazer isso é cair em uma falsa disjunção histórica; pois muitas genealogias pretendem apresentar mais que pontos históricos ao se referir a linhas históricas.

Parte da avaliação histórica de Mateus 1.2-17 repousa na confiabilidade das fontes de Mateus: os nomes nos primeiros dois terços da genealogia foram tirados da LXX (1Cr 1—3; esp. 2.1-15; 3.5-24; Rt 4.12-22). Depois de Zorobabel, Mateus depende de fontes extrabíblicas das quais não sabemos nada. Mas há boa evidência de que os registros foram mantidos, pelo menos, até o fim do século I. Josefo (Life [Vida] 6 [1]) refere-se a “registros públicos” dos quais extraiu a informação genealógica que utilizou (cf. também Jos., *Contra Apion* [*Contra Apião*] I, 28-56 [6-10]). De acordo com Gênesis R 98.8, foi provado que o rabi Hillel é descendente de Davi porque um pergaminho de genealogia foi encontrado em Jerusalém. Eusébio (*Ecclesiastical History* [*História eclesiástica*], 3.19-20) cita Hegésipo para a finalidade de que o imperador Domiciano (81-96 d.C.) ordenou a morte de todos os descendentes de Davi. Não obstante, dois deles, quando convocados, embora admitindo sua descendência davídica, mostraram a mão calejada a fim de provar que eram apenas pobres lavradores. Então, eles foram poupados. Mas o relato mostra que ainda havia informação genealógica disponível.

Embora nenhum judeu do século XX pudesse provar que era da tribo de Judá, que dirá que era da casa de Davi, mas isso não parece ter sido um problema no século I, quando a linhagem era importante para conseguir acesso à adoração do templo. Dessa distância, não temos como saber se Mateus teve ele mesmo acesso aos registros ou se colheu sua informação de fontes intermediárias; mas, em qualquer caso, “não temos bom motivo para duvidar que essa genealogia foi transmitida em boa fé” (Albright e Mann).

Mais difícil é a questão da relação da genealogia de Mateus e da de Lucas, em especial, a parte da genealogia de Davi em diante (cf. Lc 3.23-31). Há diferenças básicas entre as duas: Mateus começa com Abraão e segue adiante a partir dele; Lucas começa com Jesus e retrocede até Adão. Mateus traça a linhagem através de Jeconias, Salatiel (Sealtiel), e Zorobabel; Lucas traça a linhagem através de Neri, Salatiel (Sealtiel), e Zorobabel. Mais importante, Lucas (3.31) traça a linhagem através de Natã, filho de Davi (cf. 2Sm 5.14), e Mateus traça a linhagem através da linha real de Salomão. Diz-se, com frequência, que não é possível reconciliação entre as duas genealogias (e.g., E. L. Abel, “The Genealogies of Jesus O CRISTOS” [As genealogias de Jesus O CRISTOS], NTS 20 [1974], p. 203-10). Não obstante, há duas teorias dignas de exame.

1. Alguns argumentam que Lucas apresenta a genealogia de Maria, mas substitui o nome pelo de José (Lc 3.23) para evitar mencionar uma mulher. E há alguma evidência para sustentar a noção de que a própria Maria era descendente de Davi (cf. Lc 1.32). O fato de que Maria tinha relação com Isabel, casada com o levita Zacarias (Lc 1.5-36), não representa um problema, uma vez que o casamento

entre as tribos não era incomum. Na verdade, a esposa de Arão podia bem ser descendente de Judá (cf. Êx 6.23; Nm 2.3; também Beng. CHS, Lutero). H. A. W. Meyer rearranja a pontuação de Lucas 3.23 para que se leia: “Sendo o filho (de José, conforme suposto) de Eli [i.e., pai de Maria], de Matate”. Mas isso é extremamente artificial e não pode ser facilmente deduzido por um leitor com um texto sem marcas de pontuação nem de parênteses, como foram escritos pela primeira vez nossos MSS do Novo Testamento grego. Poucos poderiam adivinhar, apenas pela leitura de Lucas, de que ele está fornecendo a genealogia de Maria. A teoria não se origina do texto de Lucas, mas da necessidade de harmonizar as duas genealogias. Em vista disso, Mateus e Lucas objetivam apresentar a genealogia de José.

2. Outros argumentam, com mais plausibilidade, que Lucas fornece a verdadeira genealogia de José, e Mateus, a sucessão do trono — a sucessão que, no fim, passa repentinamente para a linhagem de José. Hill (*Matthew [Mateus]*) oferece evidência judaica independente para a possível linha dupla (Targ. Zc 12.12). Essa hipótese tem várias formas. A mais antiga remonta a Júlio Africano (c. 225 d.C.; cf. Eusébio, *Ecclesiastical History [História eclesiástica]*, 1.7), o qual argumentava que Mateus fornece a genealogia natural, e Lucas, a real — o reverso da teoria moderna (também Alf, Farrer, Hill, Taylor, Westcott, Zahn). A teoria, em sua forma moderna, parece bastante razoável: no ponto em que o propósito é fornecer a verdadeira descendência de José voltando até Davi, isso poderia ser mais bem feito traçando a tradição da família através de seu pai real Eli até seu pai Matate e, assim, voltar a Natã e Davi (como em Lucas); e no ponto em que o propósito é fornecer a sucessão ao trono, é natural começar com Davi e seguir desse ponto.

Essa teoria, conforme mais frequentemente apresentada, tem um sério problema (cf. R. E. Brown, *Birth of Messiah [Nascimento do Messias]*, p. 503-4). Normalmente, argumenta-se que, em Mateus 1.16, o pai de José, Jacó, era um irmão por parte de pai e mãe do pai de José mencionado em Lucas 3.23, Eli; que Jacó, o herdeiro real, morreu sem deixar descendentes; e que Eli casou com a viúva de Jacó, conforme a lei do casamento levirato (Dt 25.5-10). (Embora o casamento levirato talvez não fosse comum no século I, é improvável que ele fosse totalmente desconhecido. Do contrário, a pergunta dos saduceus [22.24-28] teria sido formulada em termos irrelevantes.) Mas se Jacó e Eli têm de ser reconhecidos como irmãos por parte de pai e mãe, então Matã (Mt) e Matate (Lc) devem ser o mesmo homem — embora seus pais, Eleazar (Mt) e Levi (Lc), respectivamente, sejam diferentes. Parece artificial recorrer a um segundo casamento levirato. Por essa razão, alguns argumentam que Jacó e Eli eram apenas meio-irmãos, o que acarreta mais coincidência — *viz.*, que a mãe deles casou com dois homens, Matã e Matate, com notável semelhança nos nomes. Não sabemos se o casamento levirato era praticado no caso de meio-irmãos. Além disso, uma vez que todo o propósito do casamento levirato era criar um filho em nome do pai morto, por que Lucas fornece o nome do pai atual?

R. E. Brown julga que os problemas são insuperáveis, mas falha em considerar a elegante solução sugerida por Machen (p. 207-9) cinquenta anos atrás. Se assumirmos que Matã e Matate *não* são a mesma pessoa, não há necessidade para

recorrer ao casamento levirato. Acaba a dificuldade em relação ao pai de Matã e ao pai de Matate; contudo, seus respectivos filhos, Levi e Jacó, podiam ter um relacionamento tão próximo (e.g., se Levi fosse o único filho homem e sem herdeiros cuja irmã casou-se com Jacó ou José) que se Levi morresse, o filho de Jacó, José, tornar-se-ia seu herdeiro. Uma alternativa seria que Matã e Matate *são* a mesma pessoa (pressupondo um casamento levirato uma geração antes), “precisamos apenas supor que Jacó [pai de José, de acordo com Mateus] morreu sem descendentes, então seu sobrinho, filho de seu irmão Eli [pai de José, de acordo com Lucas] tornou-se seu herdeiro” (p. 208).

Outras diferenças entre Mateus e Lucas permitem soluções mais óbvias. Quanto às omissões da genealogia de Mateus e da estrutura de três séries de quatorze, veja 1.17.

2 Dos doze filhos de Jacó, Judá é escolhido, à medida que sua tribo carrega o cetro (Gn 49.10; cf. Hb 7.14). As palavras: “E seus irmãos”, não são “um acréscimo que indica que de todos os diversos ancestrais possíveis da linha real, só Judá foi escolhido” (Hill, *Matthew [Mateus]*), uma vez que a restrição já fora alcançada ao estipular Judá; e em nenhuma outra entrada (exceto 1.11, veja comentário) são acrescentadas as palavras “e seus irmãos”. O ponto é que o Messias, embora venha da linha real de Judá e de Davi, emerge na matriz do povo da aliança (cf. a referência aos irmãos de Judá). Nem os meio-irmãos de Isaque nem os descendentes do irmão de Jacó, Esaú, qualificam-se como povo da aliança do Antigo Testamento. Essa menção referente às doze tribos como lócus do povo de Deus torna-se importante depois (cf. 8.11 com 19.28). Até mesmo o fato de haver doze apóstolos é relevante.

3-5 É provável que Perez e Zerá (v. 3) sejam mencionados porque eram gêmeos (Gn 38.27; cf. 1Cr 2.4); outros filhos de Judá não são mencionados. Rute 4.12, 18-22 traça a linhagem messiânica de Perez a Davi. Há alguma evidência de que “Perez gerou” fosse uma designação rabínica de Messias (SBK, 1.18), mas a datação da fonte é incerta.

Tamar, esposa de Er, filho de Judá, é a primeira das quatro mulheres mencionadas na genealogia (para comentário, veja 1.6). Sabe-se pouco de Hezrom (Gn 46.12; 1Cr 2.5), Rão (1Cr 2.9); Aminadabe (v. 4; Êx 6.23; Nm 1.7; 1Cr 2.10), Naassom (Nm 2.3; 7.12; “o líder da tribo de Judá”, 1Cr 2.10) e Salmom (v. 5; Rt 4.18-21; 1Cr 2.11). Aminadabe é associado com a errância no deserto da época de Moisés (Nm 1.7). Portanto, aproximadamente, quatrocentos anos (Gn 15.13; Êx 12.40) são cobertos pelas quatro gerações de Perez a Aminadabe. Sem dúvida, muitos nomes foram omitidos: o verbo grego traduzido por “gerar” (*gennaô*) não exige relação imediata, mas muitas vezes tem o sentido de algo semelhante a “era o ancestral de” ou “tornou-se genitor de”.

De forma semelhante, a linha entre Aminadabe e Davi é curta: mais nomes devem ter sido omitidos. Não se pode ter certeza se esses nomes se encaixam adequadamente antes de Boaz, de forma que Raabe não seja a mãe imediata de Boaz (da mesma forma que Eva não era a mãe imediata “de toda a humanidade”; Gn 3.20), ou depois de Boaz, ou ambos. Contudo, é quase certo de que a Raabe

mencionada seja a prostituta de Josué 2 e 5 (veja mais em 1.6). Boaz (1Cr 2.11,12), que figura de forma tão proeminente no livro de Rute, casou-se com a moabita (veja em 1.6) e gerou Obede, que se tornou pai de Jessé (Rt 4.22; 1Cr 2.12).

6 A palavra “rei” ao lado do nome de “Davi” evocava profunda nostalgia e levantava esperança escatológica nos judeus do século I. Por isso, Mateus explicita o tema real: o Rei Messias apareceu. A autoridade real de Davi, perdida no exílio, agora, é recuperada e superada pelo “maior filho do grande Davi” (conforme o hino “Hail to the Lord’s Anointed” [“Saudação ao Ungido do Senhor”] de James Montgomery; cf. Box; Hill, *Matthew [Mateus]*; também cf. 2Sm 7.12-16; Sl 89.19-29,35-37; 132.11). Davi tornou-se pai de Salomão, mas a mãe de Salomão “tinha sido mulher de Urias” (cf. 2Sm 11.27; 12.4). Assim, Bate-Seba torna-se a quarta mulher mencionada nessa genealogia.

A inclusão dessas quatro mulheres na genealogia do Messias, em vez de uma lista toda de homens (como era o costume) — ou, pelo menos, o nome de grandes matriarcas como Sara, Rebeca e Lia — mostra que Mateus está transmitindo mais que meramente dados genealógicos. Tamar atraiu seu sogro para um relacionamento incestuoso (Gn 38). A prostituta Raabe salvou os espíões e juntou-se aos israelitas (Js 2, 5); Hebreus 11.31 e Tiago 2.25 encorajam-nos a pensar que ela abandonou seu antigo estilo de vida. Ela, com certeza, é proeminente na tradição judaica, algumas delas fantásticas (cf. A. T. Hanson, “Rahab the Harlot in Early Christian Tradition” [“Raabe, a prostituta, na tradição cristã primitiva”], *Journal for the Study of the New Testament* 1 [1978], p. 53-60). Rute, Tamar e Raabe eram estrangeiras. Bate-Seba foi pega em uma relação adúltera com Davi, que cometeu assassinato para encobrir esse fato. A forma peculiar de Mateus referir-se a ela, “mulher de Urias”, pode ser uma tentativa de focar o fato de que Urias não era israelita, mas heteu (2Sm 11.3; 23.39). Bate-Seba mesma, aparentemente, era filha de um israelita (1Cr 3.5 [leitura variante]), mas é provável que fosse vista como hitita por causa de seu casamento com Urias.

Sugerem-se diversos motivos para a inclusão dessas mulheres. Alguns mencionam que três delas eram gentias, e a quarta, provavelmente, era vista como tal (Lohmeyer, *Matthäus [Mateus]*; Maier; Schweizer, *Matthew [Mateus]*). Isso casa bem com a referência à Abraão (cf. sobre 1.1); o Messias judeu estende sua bênção para além de Israel, até porque gentios estão inclusos em sua linhagem. Outros mencionam que três das quatro mulheres se envolveram em graves pecados sexuais; mas é muitíssimo duvidoso que essa acusação possa ser legitimamente estendida a Rute. Contudo, ela, como moabita, tinha sua origem baseada em incesto (Gn 19.30-37); e Deuteronômio 23.3 baniu a descendência dos moabitas da assembleia do Senhor por dez gerações. R. E. Brown (*Birth of Messiah [Nascimento do Messias]*, p. 71-72) desconsidera essa interpretação do papel das quatro mulheres, porque elas, na piedade judaica do século I, eram muitíssimo respeitadas, e seus erros foram encobertos. Não obstante, não há total certeza de que Mateus seguia seus contemporâneos em tudo isso. É importante o fato de que Mateus, nesse mesmo capítulo, apresenta Jesus como aquele que “salvará o seu povo dos seus pecados” (1.21), e esse versículo pode sugerir

um olhar em retrospectiva a alguns pecados bem conhecidos de seus próprios progenitores.

Uma terceira interpretação (favorecida por Allen, R. E. Brown, Filson, Fenton, Green, Hill, Klostermann, Lohmeyer, Peake) sustenta que todas as quatro mulheres revelam algo das estranhas e inesperadas obras da Providência que estão em preparação para o Messias e as que apontam para a inesperada, mas providencial, concepção de Jesus por Maria.

Não há motivo para descartar nenhuma das interpretações acima. Mateus, judeu que é, sabe como escrever com toque alusivo; e os leitores familiarizados com o Antigo Testamento, naturalmente, rememoram uma pletora de imagens associadas a esses muitos nomes dessa genealogia seletiva.

7-10 Parece que os nomes desses versículos foram tirados de 1Crônicas 3.10-14. Por trás de “Asa” (v. 7), oculta-se uma decisão textual difícil (cf. notas). Não há um padrão óbvio: o perverso Roboão era pai do perverso Abias, este, pai do bom rei Asa. Asa foi pai do bom rei Josafá (v. 8), que gerou o perverso rei Jorão. Bons ou ruins, eles fazem parte da descendência do Messias; pois embora a graça não corra no sangue, a providência de Deus não pode ser ludibriada nem manobrada.

Três nomes foram omitidos entre Jorão e Uzias: Acazias, Joás e Amazias (2Rs 8.24; 1Cr 3.11; 2Cr 22.1,11; 24.27). “Uzias” (vv. 8,9) equivale a Acazias (1Cr 3.11; cf. 2Rs 15.13,30 com 2Rs 15.1). As três omissões não só garantem quatorze gerações nessa parte da genealogia (veja em 1.17), mas os nomes também são omitidos pela ligação deles com Acabe e Jezabel, famosos por sua perversidade (2Rs 8.27), e por causa de sua ligação com a perversa Atalia (2Rs 8.26), a usurpadora (2Rs 11.1-20). Dois dos três eram notoriamente perversos, todos os três morreram de forma violenta.

R. E. Brown (*Birth of Messiah [Nascimento do Messias]*, p. 82) menciona que Manassés era ainda mais perverso e foi incluído na genealogia. Por essa razão, Brown (com Schweizer, *Matthew [Mateus]*) prefere explicar essa omissão com base em uma confusão da crítica do texto entre “Acazias” e “Uzias”. Essa conjectura é plausível; mas se estiver correta, teria de ser anterior a Mateus, pois as “quatorze” gerações de Mateus (veja em 1.17) exigiriam essa omissão ou uma equivalente. Mas não há evidência textual para apoiar essa conjectura. Também Manassés (v. 10), embora fosse notoriamente perverso, arrependeu-se, ao contrário dos outros três.

11 Outro nome foi deixado de fora: Josias, pai de Jeoaquim (609-597 a.C.), e este foi deposto em favor de seu filho Joaquim (alguns MSS do Antigo Testamento e do Novo Testamento trazem o nome de “Jeconias” para o último). Ele foi deposto depois de um reinado de apenas três meses; e seu irmão Zedequias reinou em seu lugar até a deportação e destruição final da cidade em 587 a.C. (cf. 2Rs 23.34; 24.6,14,15; 1Cr 3.16; Jr 27.20; 28.1). As palavras “e seus irmãos” provavelmente foram acrescentadas nessa circunstância por causa de um deles, Zedequias manteve um governo zeloso até a tragédia de 587 a.C., mas ele não é mencionado porque a linha real não segue por intermédio dele, mas de Jeconias. O exílio babilônio marcou o fim do reinado da linhagem de Davi, evento muito importante na história do

Antigo Testamento. Uma alternativa para a menção de “e seus irmãos” pode se referir não aos irmãos reais, mas a todos os judeus que foram para o cativeiro com Jeconias (Gundry, *Matthew [Mateus]*). Assim, o lócus do povo de Deus é traçado dos patriarcas (“e seus irmãos”; 1.2) à vergonha do exílio, tema a ser desenvolvido mais tarde (veja em 2.16-18).

12 O final da lista das “catorze gerações” (veja em 1.17) começa com mais uma menção ao exílio. Primeiro Crônicas 3.17 registra que Jeconias (Joaquim) foi pai de Salatiel (Sealtiel). Mateus prossegue e apresenta Salatiel (Sealtiel) como pai de Zorobabel, em concordância com Esdras 3.2; 5.2; Neemias 12.1; Ageu 1.1; 2.2,23. A dificuldade está em 1Crônicas 3.19 que apresenta Zorobabel como filho de Pedafas, irmão de Salatiel (Sealtiel).

Diversas soluções para essa discrepância foram oferecidas, nenhuma delas muito convincente (cf. Machen, p. 206-7). Alguns MSS gregos omitem Pedafas em 1Crônicas 3.19. Todavia, a melhor solução é um casamento levirato (Dt 25.5-10; cf. Gn 38.8,9), raramente um obstáculo para os que adotaram a explicação acima (cf. sobre vv. 2-17) e não encontram outro casamento levirato na genealogia. Se Salatiel (Sealtiel) fosse o irmão mais velho e tivesse morrido sem filhos, Pedafas poderia muito bem ter se casado com a viúva a fim de “perpetua[r] a descendência do seu irmão” (Dt 25.9). Em todo caso, Zorobabel mesmo transforma-se em um modelo messiânico (cf. Ag 2.20-23).

13-15 Os nove nomes de Abiúde a Jacó não são conhecidos hoje de outro modo. É provável que também tenham sido omitidos nomes dessa seção da genealogia, mas, então, pode-se perguntar a razão por que parece faltar uma entrada nessa última seção da genealogia (veja em 1.17). A explicação de Gundry (*Matthew [Mateus]*) para esses nomes é deturpada: determinados nomes da lista de Lucas “chamaram a atenção do evangelista [Mateus]” como também nomes da lista sacerdotal (não reais) de 1Crônicas 6.3-14 — nomes que precisaram ser abreviados ou mudados para mascarar sua ligação sacerdotal.

16 O palavreado em sua melhor leitura (cf. notas), refletido na NVI, é preciso. A linha real de José foi traçada; José é marido de Maria; Maria é mãe de Jesus. Até aqui, a relação de José e Jesus não foi declarada. Mas essa forma peculiar de expressão pede a explicação fornecida nos versículos subsequentes. Legalmente, Jesus permanece na linhagem ao trono de Davi; fisicamente, ele nasceu de uma mulher que “achou-se grávida pelo Espírito Santo” (1.18). O filho dela é Jesus, “que é chamado Cristo”. O grego não deixa claro se “Cristo” é título ou não; mas sendo nome ou título, o messiado de Jesus é afirmado.

17 Era costume entre os escritores judeus arrumar as genealogias de acordo com algum esquema conveniente, possivelmente por motivos mnemônicos. Falando de forma estrita o texto grego diz respeito à “todas as gerações de Abraão a Davi [...] até o Cristo” (cf. KJV, NASB); mas uma vez que as omissões são óbvias para Mateus e seus leitores, a expressão deve ter o sentido de “todas as gerações [...] incluídas nessa tabela”. Assim, isso se torna um indício de que as quatorze gerações, trazidas com tanta força à atenção dos leitores, são simbólicas.